

O Grito dos Excluídos de Acopiara

Por JB Serra e Gurgel (*)

As elites brasileiras foram educadas para escrever sua própria história, muitas vezes com copiosos e sebosos elogios. Transformam seus mínimos feitos em glórias. Há uma permuta de referências e gabolices sobre seus ícones. Alguns fizeram por merecer, deram contribuições, foram protagonistas, mas à ampla maioria lhes falta estofa. Somos um país de poucos heróis e de muitos canalhas.

Felizmente, Acopiara tem pouquíssimos heróis e quase nenhum canalha.. Talvez porque estejamos no oco do mundo. Não temos nem heróis eqüestres nem eqüestres heróis. O último canalha foi mandado para o Afeganistão só com a passagem de ida. Para nós, o Afeganistão é todo o espaço geográfico fora dos nossos limites territoriais.

O que Acopiara tem muito é excluído. Se muitos deixaram a exclusão e galgaram, pela mobilidade social, novos estatus e papeis, não tenho dúvida que os excluídos deram seu sangue, vidas, esperanças, sonhos, aspirações para que pudéssemos existir.

Marginalizados, abaixo da linha da miséria, enfrentaram com resignação divina, paciência, humildade, perseverança, dignidade o viver, a existência. A seu modo, deram sentido às suas vidas. Não enxergaram a luta de classes. Foi no tempo em que você podia ser pobre, numa casinha de taipa, e ser digno.

As transformações sociais, políticas, econômicas, em territórios como o de Acopiara, ocorreram lentamente, e não foram freadas pelos “coronéis”, ricos, latifundiários, senhores de engenho e de algodão, comerciantes, usineiros e “exportadores”. Aos senhores e servos faltavam-lhes capital humano, financeiro, e tecnológico para tais transformações. Muitos antes do Pacto de Moncloa, dos espanhóis, firmamos um pacto entre “incluídos” e excluídos, eliminando-se pela solidariedade humana e a tensões, distancias e convenções sociais. A parca educação e as poucas letras nivelaram os grupos dominantes e dominados.

Rendo minhas homenagens aos excluídos de Acopiara, como fizemos no V Reencontro dos Filhos e Amigos de Acopiara, em 2003, com Adaiza, Fransquinha, Izamar e Maria do Socorro chamando seus descendentes para as homenagens e o reconhecimento que não tiveram em vida.

Adão Alves da Silva jogador de futebol e motorista de Sátiro Florentino, Jairo Alves, Capistrano e da Prefeitura, 9 filhos; Afonso de Aquino (Afonso Gogó) pedreiro e animador de carnaval de rua, mobilizando foliões; Ageu Lourenço de Almeida, vigia noturno, trabalhou na Usina Tupã, dos Machado; foi morador no Isidoro e em Forquilha; Antonio Neves (Antonio dos Anjos) botador d água, com jumentos e ancoretas, buscava a água em cacimbas e rios, de 1930 até 1952, quando foi construída a barragem e daí até a canalização da água, 6 filhos; Antonio Venâncio (Meia Luz ou Rombudo da Cuia), eletricitista e motorista; Dezim, sapateiro e músico (pistonista); Elias (100 quilos) músico (tubista); Elias

Félix da Silva (Paturi) jogador de futebol, foi ponta direita do Alvorada, Bangu, CRB e Mocidade, 3 filhos; Ernesto músico (clarinetista); Expedito motorista zeloso especialmente na época das enchentes quando transportava pessoas, de jipes para Fortaleza, driblando as águas, trabalhou nos caminhões de lixo da Prefeitura; Filomeno Sobreira Dantas, enfermeiro; Francisca Antunes Ribeiro (Chiquinha Badu), rezadeira e benzedeira, 4 filhos; Francisca Feitosa de Oliveira (Chica Camelo) lavadeira, 5 filhos; Francisquinha Cidrão fazia bolos, manzape, pé de moleque, broas, língua de sogra, sequilhos; Francisco Lopes da Silva (Peba) carreteiro, 11 filhos; Francisco José de Queiroz (Chico Come Figo) verdureiro, apelido dado por Nilo Gurgel, 5 filhos; Geralda Badu, rezadeira; Izabel Carão, engomadeira, mas só engomava roupa de homens, por ser mais fácil; João Batista de Lima (João Sapato) carreteiro, guarda de chafariz e trabalhador da usina de seu Mota e Osmany Machado; João Paulo Soares, mestre de obras; João Silva de Oliveira (João Cantonila) foi agricultor e trabalhador da casa paroquial e do padre João Antonio, 12 filhos; José Alexandre da Silva (Zé Buchinho) jogador e engraxate, 2 filhos; José Andrade de Paiva (Zé Andrade), pedreiro e, depois que perdeu uma perna em acidente, passou a carpinteiro, 3 filhos; José Francisco, funileiro de lamparina e calhas; José Lima (Popó), botador d água e hoje promotor de Justiça do Distrito Federal, José Pereira Veras (Dedé Tibúrcio), morador do dr. Tibúrcio que foi prefeito, 15 filhos; José Sotero, participante do grupo de revoltosos que se agrupavam com Zequinha das Contendas; José Venâncio, coveiro; José Victor, carpinteiro e marceneiro; Joviano Gomes transformista, animador de carnaval de rua, seresteiro e músico, tocava banjo; Lavínia Neves, jardineira da praça Monsenhor Coelho, aguava as plantas e não deixava que os meninos matassem borboletas; Luiz Breu coveiro; Manoel Dionísio Batista (Manoel Tapioca) sanfoneiro; Manoel Raimundo do Nascimento (Manoel Inês), agricultor e pescador no Croatá, fazia suas próprias tarrafas, 8 filhos; Maria Brígida da Silva (Bila) engomadeira, engomava pra dr. Gentil, Jairo Alves, dr. Colares, dr. Lauro, 1 filha; Maria de Barros fazia potes, panelas, cuscuzeiras e cacos de torrar café, em barro; Maria Paz da Silva (Maria Viúva) vendia frutas de porta em porta e depois botou um café, 4 filhos; Maria Petronília Tavares de Oliveira (Maria Pretinha) lavadeira dos vigários padres Rolim e João Antonio, andava com roupas longas e brancas, rosários e medalhas; era caprichosa na brancura das roupas, 8 filhos; Maria Sobral fazia aluá e fatia dourada; Melado, jogador de futebol, botador da água e tirador de leite, trabalhou com João Holanda; Nicolau Ventura da Silva, carreteiro e comprador de garrafa seca, 6 filhos; Nominandas Bezerra Lima, vendedor ambulante (mascate) de pão, bolacha, broa, pão de ló e miudeza, em carga de jumento viajando de sítio em sítio, depois botou um café, vendia fiado e não anotava, guardava na cabeça e ninguém o enganava; Raimundo Alves da Silva (Alvim) enfermeiro; Raimundo Bracim feirante, vendia raízes e ervas; Raimundo Delfino tirador de leite; Raimundo Pinheiro Magalhães (Dedé Eletricista), passador de filmes no Cine São José, de Antonio Guilherme e Adail, 4 filhos, Raimundo Hipólito da Silva (Raimundo Porca), que organizava reisado, boi bumbá, burrinha do meu amo, caretas, mãe gostoso, ganhava a vida como vaqueiro, 6 filhos; Raimundo Sena botador d'água; Valdivino Félix (Patim) carreteiro, 17 filhos, 16 netos e 13 bisnetos; Vicente Gerônimo de Oliveira, sapateiro com Joaquim Grande e barbeiro com Salatiel; 9 filhos.

Muitos outros foram lembrados por Celso Albuquerque Macedo, nosso desembargador e historiador., em “Lages (Povos e Povoações) 1921”.

Poucos grupos sociais emergem e vem à superfície para reconhecer a grandeza dos humildes, não reintegra-los à História, mas proclamar enfaticamente que estavam integrados, foram partícipes, protagonistas e não meros figurantes. É o nosso caso, por entendermos que a história envolve o esforço comum e solidário de todos.

Os burgueses, da elite de Acopiara, tiveram juízo em não calçar sapato alto e pisar no andar de baixo. Eram todos cordiais. Não humilhavam os pobres e não zombavam de suas desventuras. O muito de poucos era, de certa forma, repartido e se transformava em pouco de muitos. Lembremo-nos que até o dinheiro (papel moeda) era escasso. A moeda corrente era um caderno ou caderneta em que se anotavam crédito e débito. O comércio corrente era à base do fiado, com juro zero. Em alguns casos, escambo com troca de mercadorias por seu valor de face.

Não estou negando que os incluídos não eram dominadores. Eram. Mas não praticavam a perversa lógica da dominação e da opressão. Isto atenuou a distância com os excluídos hoje incorporados ao nosso patrimônio imaterial, à nossa cultura, à nossa maneira de ser, sem vencedores nem vencidos, só seres humanos.

(*) JB Serra e Gurgel é jornalista e escritor, de Acopiara.